

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 6 n.º	N.º à entrega	35.º Anno — XXXV Volume — N.º 1206	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	640	120	30 de Junho de 1912	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	640	120		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	640	120		



DR. BERNARDINO MACHADO

NOVO MINISTRO DE PORTUGAL NA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

CRONICA OCCIDENTAL

De Paris, mais do que deste extremo do Occidente, tem de ser esta cronica, desde que na capital do mundo, Portugal foi agora honrado na memoria do seu poeta Camões, «gloria da península Iberica e um dos maiores poetas de todos os tempos», como disse Perez Cabalero, embaixador de Espanha, discursando no festivo banquete do Hotel Continental, em honra do grande epico.

Honrado foi Portugal na fermente cidade, onde se agita um mundo de paixões sob a espiritualidade de um cerebro imenso a irradiar luz a todos os povos.

De ha muito um português sonhava com essa consagração, no seio da França, para o poeta da raça latina. Um português, Xavier de Carvalho, figura de maior destaque intelectual na colonia portuguesa em Paris.

O sonho converteu-se em realidade ao fim de muitos trabalhos e, no dia 13 deste mez, foi inaugurado em Paris ao cabo da Avenida Camões, um monumento ao epico autor dos *Lusiadas*, a obra imortal do povo Luso.

O monumento, acaso, tão modesto, quão grande a ideia que o determinou, por esta se impõe e vale ante o mundo civilisado.

Sobre um singelo plinto decorado ao sopé com uma lira de bronze envolta na corda de louro dos poetas e dos heroes, assenta o bronzeo busto de Camões medelado pelo esculptor italiano Luigi Betti.

E' triste a expressão sofredora do poeta que tanto chorou a «alma gentil» da sua Natércia, o sonho de seus amores, como a patria que tanto amou e viu com seus olhos, já turvos pela morte proxima, afundar-se no cativoiro, invadida da peste que assolava Lisboa.

O poeta segura na mão esquerda um livro — os *Lusiadas*, e na destra uma pena; é todo o tesouro da sua riqueza.

Profusão de flôres cercam o monumento, as que em volta o engrinaldam, em festa, as que se propagam pelos jardins do Trocadero; o seu perfume insensa a imagem do poeta, que ali fica bem na tranquillidade sismadora daquele retiro.

A's galas que revestiram o local no dia da inauguração, juntou se o entusiasmo febril dos parisienses, sempre ávidos de novas impressões, e o hino nacional português foi ouvido e saudado pela multidão descoberta.

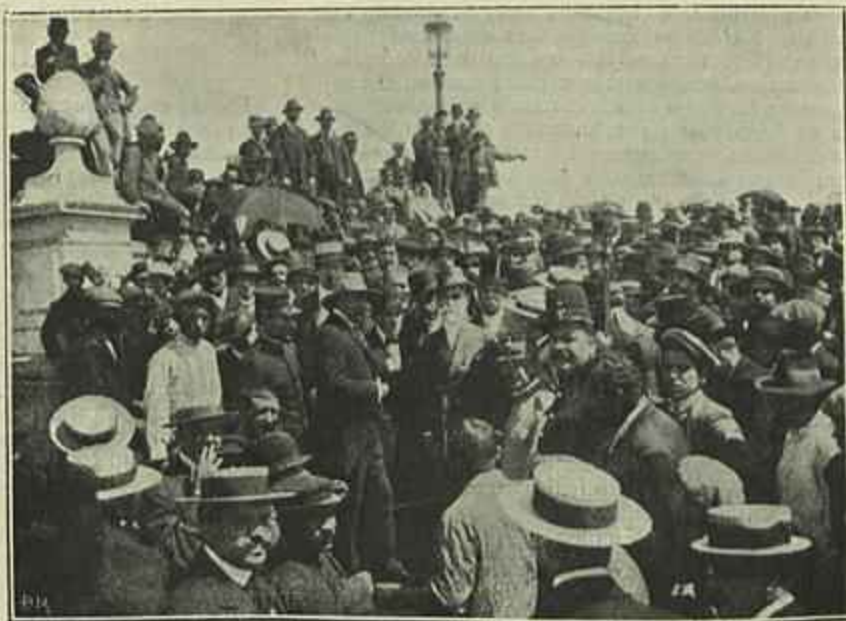
Portugal foi honrado. Aquele monumento em terra estranha, levantado ao seu poeta é como se fôra levantado ao povo português, cuja alma vive em Camões.

Da apoteose que o glorioso poeta teve em Paris participa a sua patria. O povo francês que acorreu a descobrir-se ante o singelo monumento, saudou nesse gesto o povo português, e para que essa homenagem, não fosse como tantas daquelas que as multidões, á similhaça das ondas do mar, que correm inconscientes para onde o vento as impele, ela teve o concurso das forças intellectuaes da França como o apoio e a representação das nações cultas e suas academias.

Em Paris, no meio de uma assistencia do que de mais distinto tem nas sciencias, nas letras, nas artes e na politica, discursaram homens do valôr intellectual de Paulo Brulat, Leon Bocquet, Maxime Formont, professor Dumas, Jules Bois e Jean Richepin que preside ao acto da inauguração.

Na tribuna levantada em frente ao monnmento, assiste o sr. João Chagas, ministro de Portugal em Paris, o embaixador de Espanha, Perez Cabalero, os ministros do Brasil, em Bruxelas e na Haya, dr. Oliveira Lima e Graça Aranha, o secretario da mesma legação em Paris, Murinelly, o encarregado de negocios da China, os representantes das Republicas de Guatemala e do Peru, os da Belgica e Holanda, os representantes do ministro das Belas Artes e do da Instrução, de França, do conselho municipal de Paris, a que se juntava o concurso de homens de letras, poetas e artistas, que todos tinham seus logares.

As atrizes francesas Martel e Cecilia Vellini recitaram poesias de Achile Milleu a Camões, e uma ode de Phileas Lebergne. O jornalista Scarabin leu um trecho de Teofilo Braga, e a javanêsa Knapp, trajando a caracter, tunica ver-



NO CAES DAS COLUNAS Á PARTIDA DO SR. DR. BERNARDINO MACHADO
(Veja Cronica Occidental)

melha e ouro, recitou aos pés de Camões, como o seu escravo Jau, javanês, uma poesia simbólica de René Ghil.

Foi a chave de ouro d'aquella festa emocionante, intercorrida pelos aplausos da multidão ovacionando os oradores e os poetas.

Telegramas vieram de muita parte associando-se á homenagem, entre outros os da Academia de Londres, da Universidade de Roma, do poeta Mistral, dos estudantes de Lausanne, de Liege, de Guerra Junqueiro, em Zurich.

Neste cântico da Suíça Camões também teve sua apoteose a que presidiu o poeta dos *Simples*, proferindo um discurso glorificando o cantor dos feitos portugueses, como descrevendo em palavras de ouro a pobreza em que poeta se finou.

«Compatriotas e amigos» disse Guerra Junqueiro:

«O nome sagrado de Camões junta-nos hoje aqui, em fraterno convívio, durante algumas horas. Camões é Portugal, e a festa de Camões o dia santo da nação. Celebremos o heroe religiosamente, vivendo este dia na sua alma, comunicando no pão do seu espirito. Adoremol-o para nos sublimar, para que nos atraia e venha a nós. As linguas de fogo só descem quando se desejam, e os santos só nos ouvem quando estamos proximos.»

«Camões é o genio lusitano, a idealidade da raça num heroe. Pertence ao grupo dos imortaes, dos que viveram no mundo o breve instante, com olhos de eternidade e de infinito.»

«Nessa imperial, grandiosa e maravilhosa Lisboa do seculo XVI, ovante de fortalezas, catedraes, estaleiros, praças, palacios, cupulas, bazares; nessa Lisboa rutila e quimerica, de gentes estranhas e desvaireadas, nadando em ouro, fulva de pompas, louca de vicios, ebria de orgulho e de prazer; nessa Lisboa babilonica, vasto emporio do mundo, rainha esplendida dos mares, onde frotas de galeões bolsavam tesouros fabulosos de países de sonho e de misterio; nessa Lisboa, Capital da Luz, nessa Jerusalem das Descobertas, agonizou abandonado e atribulado, mendigo e martir, sem pão e sem lar, o maior e o mais sublime dos seus filhos, o gigante da raça, o cantor dos Luziadas. Viveu pela Patria, cobriu-a de gloria, e nela morreu obscuramente, de solidão, de fome e de tristeza.»

Fala da influencia da alma do poeta na alma do povo:

«E ao mesmo tempo que Luis de Camões, divinizando-se na dôr, chegava á immortalidade espiritual, a alma da Patria, degradando-se, envenenada de ouro e de vileza, caía escrava e semi-morta. A alma enoitecera-lhe em letargo, mas brilhava e cantava imorredoiira na voz ardente dos Lusíadas. E' a voz messianica do épico, é a voz de fogo de Camões quem de novo a desperta e desagrilhõa do cativo, e quem durante os seculos pesados de uma noite de horror, a guia na torva escuridão, a fortalece nos desalentos e desmaios, erguendo-a por vezes, indomita e nobre, magnanima e justa, como nos tempos belos da epopeia. A alma sonambula do Povo caminha de noite, lastimosa e chorando, atrás da alma do Vidente. Nas datas grandes, nos dias heroicos — 1640, 1807, 1820, 1834 — o culto de Camões inflama-se, Camões revive e está presente. O centenário, ha trinta anos, acordou a nação, encheu-a de fé, abrasou-a de amor, e a alma do Povo e a do Poeta fundiram-se ávidamente uma na outra, como dois beijos e dois relampagos. E na aleluia sagrada da vitória, no extase da immortal manha de 5 de Outubro, sentia-se resando e palpitando, aberta em flôr de luz, a alma divina de Camões.»

Mas não se enfeite mais esta cronica com as penas de pavão, que se ela fôra escrita por Guerra Junqueiro não teria que pedir galas de estilo nem conceitos alheios.

Despretenciosa, modesta, só vem contar de como Camões foi agora glorificado fóra da sua patria, se é que o genio tem patria e não é gloria de toda a humanidade.

De Lisboa tem a cronica que falar e não faltaria assunto se o espaço lhe não minguasse.

Dizer que se restabeleceu o movimento normal na cidade, é coisa com que se contava desde que o governo garantisse a liberdade dos que queriam trabalhar.

Foi mais uma onda que se quebrou contra os rochedos; outra e outras virão avançando e crescendo, porque a luta entre o trabalho e o capital

está travada. O seculo XX tem de resolver a questão socialista para onde a humanidade caminha. Outro assunto reclama o espaço que resta.

No Tejo entrou em sua primeira viagem um novo paquete da *Mala Real*, o *Aliança*. Nesse paquete partiu para o Rio de Janeiro o sr. dr. Bernardino Machado, como ministro de Portugal junto do governo da Republica dos Estados Unidos do Brasil.

Figura dominante da Republica Portuguesa, vae á terra que lhe foi berço, como a pomba do Diluvio, levar o ramo de oliveira da paz e concordia entre a colonia portuguesa, dividida por paixões politicas.

A sua missão é melindrosa, mas entre os filhos de Portugal não deverá haver scisões que não se reconciliem, e o espirito altamente conciliador do sr. dr. Bernardino Machado hade encontrar éco em corações portugueses.

A patria é só uma e se nos primeiros momentos as paixões se incenderam, no meio do profundo abalo porque passou, os animos hão-de acalmar-se á medida que os efeitos desse abalo fôrem serenando também.

Não faltam qualidades no sr. dr. Bernardino Machado para bem se desempenhar da missão. Do prestigio que o acompanha foi mais uma prova a aféuosa despedida que o povo de Lisboa lhe fez á partida, no meio dos amigos e colegas que o rodearam. Ali fôram os membros do governo e as primeiras figuras da politica. Ali fôram os ministros de Inglaterra, do Brasil, de Espanha e da Argentina desejar-lhe boa viagem, e de todos se despediu comovido o sr. dr. Bernardino Machado, ante tantas demonstrações aféuosas que, no entanto, mais o deviam de animar no cumprimento da missão que a Republica dele exigiu e a que não podia escusar-se.

E, uma novidade para o bom lisboeta se divertir, que disse mais cura que doutrinas.

Tem agora o teatro *Grand Guignol*, no Republica. Uma inovação em Lisboa, da iniciativa do actor Inacio Peixoto com alguns artistas do Nacional, que ali vae fazer a época de verão.

O *Grand Guignol* é o teatro das grandes sensações; o teatro das tragedias ou melodramas terríveis, e das comedias ou farças desopilantes.

O publico poderá chorar ou horrorisar-se até aos cabelos em pé, ou rir até á gargalhada desprezada.

E' para isso que lá está o Inacio, o fino actor comico de maior destaque hoje no teatro português.

O Republica tem-se enchido todas as noites á cunha e para mais ha á entremear o espectáculo, fitas cinematograficas, porventura, mais interessantes para o publico do que esta que a cronica acaba de desenrolar aos seus leitores.

CAETANO ALBERTO.

La Exposición de Bellas Artes de Madrid

La Sección Portuguesa

II

Escasa es la representación de la escultura lusitana en la Exposición. Una docena de obras únicamente, pero supliendo la calidad á la cantidad dejan á buen nivel el pabellón de su patria. Colocadas, lo mismo que las obras de los pintores portugueses, en lo mejor del local, lucen con todo su valor la representación de la escultura.

En la Sección de Pintura se advierte desde luego una gran analogía entre todas las tendencias y procedimientos de los autores. Aunque en la calidad y en la fuerza emotiva de las pinturas descuellan tres ó cuatro figuras de primera magnitud como Malhoa, Columbano, Reis y algún otro, sin embargo adviértese que la orientación es muy semejante entre sí y ocurriendo exactamente lo propio con la escultura.

Todas las obras pasan de la categoría de «discretas» pero ni llegar ninguno á impresionar profundamente. En esta manifestación hermosísima del arte, portugueses y españoles se hallan á la misma altura. También en España faltan en la época contemporánea escultores de nervio, artistas de imaginación superior, avassalladora, que nos conmuevan con sus producciones. Casi estaría por decir que salvo tres ó cuatro grandes personalidades en la escultura universal, ésta atraviesa en los momentos actuales por una crisis

aguda en que la tiene postrada la falta de talento de los escultores que no encuentran más orientaciones que el puro clasicismo, sin comprender que los griegos dijeron la última palabra en tal sentido con sus definitivas obras. Es preciso buscar nuevos rumbos, romper los moldes, después de estudiarlos con gran pasión, de la escultura helénica y del renacimiento si es que ha de adquirir este género nueva vida y vida propia, fuerte, de grandes alientos para salir de la insulsa vida de pobreza porque hoy atraviesa.

Quirás en la escultura portuguesa que se expone en la Exposición Nacional de Bellas Artes de Madrid sea mas manifiesto, que en ninguna otra parte, las aspiraciones de los portugueses hacia ese sentido esencialmente moderno que ha de ser á la postre, á mi juicio, la fuente, el origen de un renacimiento escultórico general. Una estatua original de Costa Motta, figurina gallarda, ligera, de finísimo modelado, y un niño acostado de Simoens d'Almeida (*Infancia*, lo titula el autor) y *A caridad* del ilustre escultor português Señor Teixeira López constituyen un triunvirato de obras de gran fuerza para la defensa del criterio que sustento, no sé si equivocadamente, respecto á la futura orientación de la escultura moderna.

La Caridad del eminente profesor de la Academia de Bellas Artes, de Porto es de lo que tiene mas capital importancia de cuanto envió á Madrid la escultura portuguesa. Es la obra más firme, de más repasaada concepción y que parece resumir ella sola todos los esfuerzos puestas de manifiesto en las obras escultóricas de la Sección Portuguesa. Son también trabajos que cautivan el espíritu por su encanto y por la gran pasión con que están ejecutados *Los viejos* (bajo relieve en bronce) y los *Niños dormidos* del mismo señor Teixeira López, que dejó entre los artistas españoles la impresión justa de su gran valor, y de su reputación mundial.

De el autor de *Infancia* sr. Simoens d'Almeida, ya citado, tenemos también en la Sección unas medallas admirablemente modeladas, que rivalizan con las que expone D. Juan da Silva, del que llama la atención de gran manera su bellísima placa de bronce *Funeailles d' tala* que él titula en el catálogo con el n.º 1.167.

Son obras muy dignas y estimables las tres que figuran en la Exposición de Tomás Costa, siendo elogiadísima por el numeroso publico que á diario concurre á visitar el Certámen la preciosa estatua que dicho Sr. Costa titula *David* y que posee un grande y justo sentido artístico moderno.

Y por último entre las obras escultóricas portuguesas se sostienen como muestras en que se adivinan cualidades merítisimas en sus autores el bronce *Octogenario* y la estatua *Cariátide* ésta del Señor Carvalho y aquella de Don Julio Vaz.

En la Sección de Pintura de Portugal se han escapado al exámen ligero de mi cronica anterior tres obras á las que quiero hacer justicia en éstas líneas porque son tan merecedoras de ello como imperdonable en el cronista el olvido. Las tres son retratos, dos de ellos de Don Carlos Reis y el otro del Señor Malhoa.

Del primero de estos ilustres artistas hacia yo un cumplido elogio prodigando justos aplausos á su gran lienzo *A Feira*, pero conviniendo, para que aparezca mas completa la figura del distinguido profesor de la Escuela de Bellas Artes de Lisboa, que los favorables juicios de la critica española, de los artistas y del publico en geral hacia los dos retratos firmados por el Sr. Reis sean reflejados en estas notas de arte y conocidos por la opinión portuguesa.

El de la Ex.ª Señora D. Adelaide Lima es de una distinción exquisita, de delicada finura y belleza en la gama marrón de las telas y del fondo y en la factura elegante y de gran acierto con que están pintadas las carnes. Este hermosísimo retrato y el que tiene el n.º 1023 del Catálogo son dos ejemplares magníficos que hacen honor á la firma de Carlos Reis.

Del notabilísimo pintor D. José Malhoa, hice por otra parte objeto preferente de mis anteriores impresiones, ya publicadas, su interesantísimo lienzo *Los borrachos*, pintura de lo que decía que á tener más cambiantes en las tonalidades del cuadro, un poco monotonos de por sí, y dada la corrección del dibujo y del singular acierto de la composición hubiera sido, no solo lo mejor de la Sección Portuguesa, sino una de las obras más completas de toda la Exposición.

Pues bien de éste grande artista tenemos un retrato (n.º 1016 du Catálogo) que es una hermo-

sura por la riqueza de color y por la factura limpia y segura con que está ejecutada. Además de revelar éste retrato una reputación de primera fuerza dentro del arte del género, pone bien de manifiesto, la habilidade asombrosa del pintor, el dominio de la técnica por el Sr. Malhoa, á quien no me cansaré de aplaudir, marchándome de Madrid á Badajóz, mi residencia habitual y en donde pinto todo el año, con la alegría de conocer las más altas personalidades de la pintura portuguesa, que desconocía, y de las que saludo con todo mi mayor respeto á Malhoa, á Reis, á Columbano y á Wanthelet, figuras admirables del arte en la nación hermana.

Después de escritas estas notas, apuntes, ó impresiones, como cada qual quiera llamarlas, me entero que el Gobierno Español haciendo justicia y honor á Portugal, representado por sus artistas, á puesto á la firma del Rey D. Alfonso XIII la concesión á aquellos de varias condecoraciones que yo quisiera servir de lazos fraternales que unieran de aqui para siempre, unos á otros, á todos los artistas de la Península.

Madrid — Junio de 1912.

ADELARDO COVARRI.

NOTA

A última hora chega-nos uma nota dos artistas portuquezes que o governo espanhol vas premiar com condecorações, visto não poderem participar das medalhas da exposição, destinadas apenas aos artistas naci naes. Os artistas vão mencionados conforme a ordem por que seus trabalhos estão numerados no catalogo:

- João Alves de Sá — n.º 992 — *A caminho da praia*, aguarela.
 Arthur Alves Cardoso — n.º 994 — *Uma lição antes da festa*, tela.
 D. Lucília Aranha Grave — n.º 995 — *Paisagem*, quadrinho.
 Columbano Bordalo Pinheiro — n.º 997 — *Um retrato de madame Alda Lino*, tela.
 José de Brito — n.º 999 — *Fabula e verdade*, tela.
 Antonio Carneiro — n.º 1.003 — *Retrato de minha mulher*, tela.
 D. Margarida Costa — n.º 1.005 — *Rosas e glícínias*, quadro.
 David Estrela — n.º 1.006 — *A oração*, tela.
 Constantino Fernandes — n.º 1.008 — *Abandonadas*, quadro.
 Matoso da Fonseca — n.º 1.009 — *Amor dos homens*, pastel.
 Luciano Freire — n.º 1.010 — *Desolação*, tela.
 D. Alice Grilo de Lima — n.º 1.012 — *Beladonas*, quadro.
 Acacio Lino — n.º 1.014 — *Retrato de madame Cerqueira Magro*, tela.
 José Malhoa — n.º 1.017 — *Pestejando o S. Martinho*, tela.
 Thomaz de Melo — n.º 1.018 — *Tejo*, tela.
 João de Melo Falcão Trigo — n.º 1.019 — *Terras bonitas (amendoeira florida)*, tela.
 Manuel Henrique Pinto — n.º 1.020 — *Boa mãe*, tela.
 Carlos Reis — n.º 1.024 — *Retrato da sr.ª D. Adelaide de Lima*, tela.
 D. Emilia dos Santos Braga — n.º 1.025 — *Fumadores de opio*, tela.
 Antonio Saude — n.º 1.027 — *Manhã, aspecto do vale de Santarem*, tela.
 Alberto de Sousa — n.º 1.030 — *Ponte dos vapores do Sul e Sueste*, aguarela.
 João Vaz — n.º 1.031 — *As pitelras do Sudo*, tela.
 Simão Luiz da Veiga — n.º 1.034 — *Curiosidade*, tela.
 Eduardo Afonso Viana — n.º 1.035 — *Dia triste na montanha*, tela.
 Zoe Wanthelet Batalha Reis — n.º 1.037 — *Retrato de minha mãe*, tela.

Em escultura e medalhas estão propostos para condecoração os trabalhos seguintes, mencionados tambem pela ordem da sua numeração:

- José Izidoro de Carvalho Netto — n.º 1.162 — *Caridade*, estatua em gesso.
 Thomaz Costa — n.º 1.165 — *Bebé*, figura em mármore.
 João da Silva — n.º 1.167 — *Funerailles de Alala*.
 Do mesmo autor — n.º 1.168 — *Retratos em medalhas*.
 José Simões de Almeida — n.º 1.170 — *Medalhas*.
 Antonio Teixeira Lopes — n.º 1.171 — *Os velhos*, baixo relevo em bronze.

Uma neta de D. Miguel de Bragança no trono de Luxemburgo

Senta se hoje no trono de Luxemburgo uma princesa da Casa de Bragança, por sua mãe D. Maria Ana, filha de D. Miguel de Bragança. O gran-ducado de Luxemburgo, nos Paizes Baixos, limitado ao Sul pela França, a Oeste e Norte

pela Belgica e a Este pela Prussia foi, em sua origem, uma possessão particular dos reis da Holanda, com o titulo de senhorio e depois condado, que por morte do ultimo conde, em 1136, passou por herança a Henrique I, conde de Namur, que o transmitiu a sua filha Ermezinda, a qual casando com Walran de Limburgo, este fundou a segunda casa de Luxemburgo, elevado a a gran ducado, no seculo XII. Esta casa forneceu cinco imperadores á Alemanha: Henrique VII, Carlos IV, Wenceslau, José e Segismundo, como deu reis á Bohemia e á França.

Varias fóram as alternativas por que passou este gran-ducado, pela morte de seus soberanos sem descendencia, passando ao dominio da Austria, depois á Espanha, á França que ainda o dominou nos fins do seculo XVIII, sendo por fim anexo aos Paizes Baixos.



GRAN-DUQUESA DE LUXEMBURGO
MARIA ADELAIDE

Em 1816 entronca-se o gran ducado de Luxemburgo na casa Nasau, pelo conde de Katsenellenbogen, donde descendeu o gran-duque Adolfo, avô da atual gran-duquesa de Luxemburgo, como se lê no livro *Les Maisons Souveraines de L'Europe*:

«Guilherme Alexandre, gran duque hereditario de Luxemburgo, nasceu em Biebrich a 22 de abril de 1852; casou no castelo de Fischhorn, em 21 de junho de 1893 com Maria Ana do Carmo Henrique Tereza Adelaide Joana Carolina, Inez, Sofia, Eulalia Leopoldina Isabel Bernardina Micaela Gabriela Rafaela Francisca de Assis e de Paula Inacia Gonzaga, filha do principe D. Miguel, infante de Portugal, duque de Bragança, nascida no castelo de Broubach em 13 de julho de 1861.»

Deste casamento houve:

«Maria Adelaide Tereza Hilda Antonieta Guilhermina, que nasceu, no castelo de Berg, em 14 de junho de 1894; Carlota Adelgondes Elisa Maria Guilhermina, que nasceu em Luxemburgo a 23 de janeiro de 1896; e Hilda Sofia Maria Adelaide Guilhermina, nascida tambem em Luxemburgo a 15 de fevereiro de 1897.»

Em 11 de maio de 1867 foi celebrado em Londres um tratado pelas grandes potencias da Europa, declarando neutro o gran-ducado de Luxemburgo, como ainda hoje se conserva.

O gran-duque Guilherme Alexandre falecendo em fins de 1908, sem descendencia varonil, deixava o trono a sua filha primogenita Maria Adelaide, sob a regencia de sua mãe, regencia que esta exerceu até ao dia 14 deste mês, em que sua filha atingiu a maioridade.

Foi em 18 do corrente que S. A. Gran-duquesa Maria Adelaide prestou juramento de guardar a Constituição, perante a Camara dos Deputados de Luxemburgo, achando-se reunido o Conselho de Estado, o Governo e presente toda a familia gran-ducal com os gran-duques de Bade.

A joven soberana pronunciou com firmeza o discurso do trono, que terminou pelas seguintes palavras:

«E' ás mãos de uma creança que foi confiada hoje a guarda da bandeira; mantel-a-hei alta e

firme e, com a ajuda de Deus, lutarei pela sua honra. Filha da mesma nação que os meus antepassados, serei fiel á nobre divisa da nossa antiga Casa: *Je maintiendrai!*»

A constituição do gran-ducado de Luxemburgo data de 9 de julho de 1847, tendo sido modificada em 27 de novembro de 1856, 18 de outubro de 1868 e 10 de julho de 1907. Pela sua constituição, cada 5.000 habitantes elegem um deputado por seis anos, por voto diréto dos cantões, elevando-se o numero de deputados a 51, e cada tres anos renova-se por meio de novas eleições metade deste numero. As funções legislativas começam em novembro de cada ano.

Eis como Portugal, sob o regimen republicano, tem neste momento uma soberana de origem portuqueza governando um Estado da Europa.



O novo ministerio

Pela quarta vez, no relativo curto espaço de vinte e um mezes, é registrado nesta revista um novo ministerio, sob o novo regimen, o que dá a media para os dois ultimos de cinco mezes e meio, sabendo-se que o primeiro governo provisorio da Republica teve os selos do Estado, dez mezes.

Não é de surpreender esta instabilidade de governos num periodo de transformação de regimen, sahido de uma revolução que o implantou num país de instituições tradicionaes de quasi nove seculos.

O abalo foi grande, maior ainda por complicar com as consciencias, que se sentiram atacadas nas suas crenças religiosas, o que em todos os tempos, a historia o diz, tem dado funestos resultados.

Em nosso país acrescia mais a circumstancia da pouca ou nenhuma illustração do povo, nada educado para compreender seus deveres civicos o que, infelizmente, bem se tem provado, como era de esperar, desde as classes mais ignorantes até ás que mais illustradas se consideram e propõe dirigir os negocios publicos, não ocultando suas ambições e vaidades.

Foi assim que, logo a poucos dias da implantação da Republica, principiaram a dividir-se as opiniões, consoantes os interesses e vaidades de cada um e crescendo foram até á reunião das Constituintes, onde a breve trecho tomaram fórma de partidos sob a denominação de: *democratas, unionistas, evolucionistas e independentes*. Respetivamente estes quatro grupos ou partidos consideram seus chefes os srs. dr. Afonso Costa, dr. Brito Camacho, dr. Antonio José de Almeida e dr. Duarte Leite.

Não é facil conhecer e apreciar quaes os principios e ainda menos as ideias politicas, economicas e financeiras de cada um destes partidos, o que não tem impedido de se degladiarem no parlamento em muitas e varias questões, na maior parte estereis para o bem da causa publica.

Sem que nenhum destes partidos tenha sufficiente maioria para se impôr, é, todavia, certo que o *democrata* é o mais numeroso.

Com esta divisão parlamentar os ministerios que sucederam ao governo provisorio a custo têm conseguido sustentar-se entre um apoio mal definido e uma opposição por vezes violenta, que determinou a ultima crise e por fim a queda do ministerio.

Foi demorada e laboriosa a formação do novo governo pela falta de indicação parlamentar para a sua constituição.

Pensou-se em formar um governo extra-parlamentar, mas teve que se pôr de parte tal ideia. Fizeram-se varias combinações, entre elas a de continuar o mesmo ministerio com alguns novos ministros, principiando pelo do interior, sob a mesma presidencia do sr. dr. Augusto de Vasconcelos; mas nada se conseguiu. Por fim, procurou-se contentar todos os partidos formando um governo de concentração republicana, sendo para o efeito chamado do Porto, pelo Chefe do Estado, o sr. dr. Duarte Leite.

De facto o sr. dr. Duarte Leite, depois de varias combinações e condições, conseguiu formar o novo governo com elementos dos quatro partidos na seguinte regra de proporção: 3 ministros democratas, 2 unionistas, 2 evolucionistas, e 1 independente.

O sr. dr. Duarte Leite, presidente na nova situação, tomou a pasta do interior, na sua qualidade de independente, satisfazendo-se assim a

O NOVO MINISTERIO

imposição do partido democrata que quer aquella pasta isenta de influencias partidarias, pelo menos agora, por causa das possiveis proximas eleições administrativas, apesar de adiadadas para um tanto distantes, lá para meados do ano que vem. E', porém, de esperar que não fique por aqui, até chegar o momento deste partido contar com uma verdadeira maioria.

O novo presidente do governo e ministro do interior, vem precedido de boa fama de homem tão intelligente quanto energico, espirito réto de bom patriota.

O sr. dr. Duarte Leite fez parte do primeiro ministerio constitucional da Republica que, sob a presidencia do sr. João Chagas, tomou o poder em setembro do ano passado. Neste ministerio occupou a pasta das finanças. Essa situação, porém, não chegou a durar tres mezes, dando o ministerio Chagas a sua demissão em novembro seguinte.

Não teve então o sr. dr. Duarte Leite tempo para afirmar as suas qualidades de financeiro e de estadista. Agora assumindo a presidencia do ministerio, declarou ao parlamento, no breve pro-



DR. DUARTE LEITE
Presidente do governo e ministro do Interior

Do ministro da justiça sr. dr. Francisco Correia de Lemos encontram-se, no livro *As Constituintes de 1911*, as seguintes notas biograficas: Juiz de direito. Procurador da Republica junto da Relação de Lisboa. 59 anos de idade. Natural de Gavião, distrito de Portalegre. Filho de Aires José Correia de Lemos e D. Maria Ana de Brito. E' bacharel em direito pela Universidade de Coimbra, tendo concluido o curso em 1874. Precedendo concurso feito em 9 de março de 1877 e com a classificação de «bom», foi despachado delegado do procurador régio para Moncorvo em 1878, transferido para Santa Comba Dão em 1879; para Fronteira em 1881, e anulada esta transferencia, só em 1885 transitou para a comarca de Sabugal, e desta para Portalegre em 1886, regressando nesse mesmo ano á comarca de Sabugal.

Promovido a juiz de direito de terceira classe em 1887, foi colocado na Ponta do Sol, transferido por sexenio para Alcacer do Sal em 1894.



CAPITÃO VICENTE FERREIRA
Ministro das Finanças



DR. AUGUSTO DE VASCONCELOS
Ministro dos Estrangeiros



TENENTE-CORONEL CERVEIRA DE ALMEIDA
Ministro das Colonias



DR. FERNANDES COSTA
Ministro da Marinha



DR. FRANCISCO CORREIA DE LEMOS
Ministro da Justiça



DR. AURELIO FERREIRA
Ministro do Fomento

grama de administração que lhe expoz, que o governo procuraria quanto possivel equilibrar as finanças do tesouro; rever a lei de Separação da Igreja do Estado para que fôsem atendidas todas as reclamações justas, que se formulassem sobre esta lei, quando o parlamento a discutir; procurar restabelecer completamente a ordem publica, ao mesmo tempo apresentando as mais leis que fôrem necessarias para defeza da Republica.

Aqui devemos observar que a melhor defeza da Republica, em nosso entender, está em não criar mais leis de excessão, sempre odiosas, contrarias á fraternidade desejada, mais proprias a exaltar as paixões do que pacificar os animos, e em administrar tão bem os negocios do estado como aplicar a justiça.

Nas condições em que o sr. dr. Duarte Leite aceitou o poder e, dado o seu caracter independente e espirito réto e energico, é de esperar que, ou cumpre o seu programa, ou se lhe levantarem difficuldades deixará o governo sem mais transigencias.

Do novo ministerio, quatro são os ministros a que pela primeira vez lhes é confiada a pasta.



CORONEL XAVIER BARRETO
Ministro da Guerra

Tendo tido acesso á segunda classe, foi colocado em Ceia em 1899. Promovido a primeira classe em 1903, foi despachado para Oliveira de Azeiteis e transferido por sexenio para Marco de Canavezes em 1909. Foi o primeiro juiz de direito nomeado para procurador da Republica junto da Relação de Lisboa por decreto de 20 de outubro de 1910.

E' do partido republicano democratico! O ministro das finanças, sr. Antonio Vicente Ferreira, é capitão de engenharia e lente da Escola de Guerra, muito considerado por seu saber. Em 1904 era director das obras publicas de Angola e S. Tomé. Foi tambem director das oficinas da Empresa Industrial Portuguesa. No tempo de João Franco esteve para entrar em uma revolução republicana, o que só agora se soube, pois é pouco conhecido na politica. Aceitando a pasta das finanças é de supôr que para isso se encontre habilitado, no entanto não são conhecidos do publico os seus estudos financeiros.

Pertence ao partido unionista. O ministro da marinha sr. dr. Fernandes Costa, foi o primeiro governador civil de Coimbra do

A Inauguração do Monumento a Camões, em Paris (Veja Cronica Occidental)

novo regimen. Era professor no liceu daquela cidade onde tambem exerceu a advocacia com boa fama de caracter honrado e espirito conciliador. Ajudante do procurador geral da Republica, o governo provisorio nomeou-o consul geral portuguez no Rio de Janeiro para onde partiu no principio do ano de 1911.

Pouco se demorou, porém, neste lugar, por complicações politicas que o desgostaram e voltou á metropole.

Possuindo grandes aptidões a par do saber e bom criterio, poderia sobraçar qualquer das pastas.

Pertence ao partido evolucionista.

O ministro do fomento sr. dr. Aurelio da Costa Ferreira, é medico formado pela Universidade de Coimbra, onde frequentou com brilho outros cursos, dando bem a medida dos seus excepcionaes dotes de intelligencia. Em Lisboa desempenhou as funções de professor em um dos liceus e exerceu clinica.

Antigo republicano, foi nomeado, neste regimen, director da Casa Pia de Lisboa onde tem feito boa administração. Não lhe falta talento, energia e atividade para se desempenhar da complicada pasta que aceitou.

Intimo amigo do sr. dr. Antonio José de Almeida, milita no seu partido evolucionista.

As restantes pastas foram distribuidas: a dos estrangeiros ao sr. dr. Augusto de Vasconcelos, que a occupava no ultimo ministerio de que era tambem presidente; a pasta da guerra foi confiada ao sr. coronel Antonio Xavier Correia Barreto, que a occupou no governo provisorio; na pasta das colonias continuou o sr. coronel Cerveira de Albuquerque que, aliás se diz ter feito boa administração.

Destes tres ministros, o primeiro pertence aos unionistas e os dois ultimos ao partido democrata.

Nos poucos dias que o novo ministerio conta de existencia, a attitude do parlamento tem-lhe sido benevola, aceitando sem pronunciada opposição as me-



O MONUMENTO NO ACTO DA INAUGURAÇÃO



NA TRIBUNA — SRS. MURINELLY, JOÃO CHAGAS E PEREZ CABALLERO

didadas um tanto energicas do sr. ministro do interior para acabar com a greve dos electricos e garantir a liberdade de trabalho, o que, por emquanto, restabeleceu a ordem.

C. A.



Questões d'arte

Um artista esquecido,
Johann-Rudolph Zumsteeg
(1760-1802)

VIII

Nos varios capitulos expusemos, ainda que d'uma fórma bastante resumida, a vida d'este compositor, vimos quanto este homem experimentou toda a gamma do sacrificio, quanto a sua vida foi um espelho de soffrimento, e quanto o seu caracter foi um modelo de honradez, de bondade e de resignação. Como chefe de familia, soube grangear a sympathia de todos, pelas suas virtudes e amor pelos seus. Ao estudarmos um caracter assim, não sentiremos n'isso um grande praser?! Perante nós temos a doce illusão que apparece essa figura que ir-

radiou tanta bondade, esse artista que vive com a sua obra d'uma fórma tão nitida e suggestiva!

A sua existencia, como disse, foi um modelo de trabalho; o seu espirito, sempre corajoso, soube ir contra os mil obstaculos que lhe appareciam constantemente.

Se houver alguém, o que não posso acreditar, que não admire sua obra sob o aspecto da inspiração, ao menos terá a obrigação de ver em Zumsteeg, um homem que amou o trabalho como poucos!

Segundo o dr. Landskoff, pôde-se dividir a obra em quatro partes: *musica instrumental, musica dramatica, musica religiosa e cantatas, musica vocal com acompanhamento de piano.*



JEAN RICHEPAN, DISCURSANDO NA INAUGURAÇÃO — A JAVANESA WIMA KNAPP RECITANDO JUNTO AO MONUMENTO A POESIA SIMBOLICA DE RENÉ GHIL.

(De fotografias)

MUSICA INSTRUMENTAL — Uma symphonia em tres partes. Tres aberturas, cinco trechos destacados para musica d'harmonia, dez concertos para violoncello e orchestra, dois concertos para flauta e um para duas flautas, um trio e tres duos para violoncello, tres duos para flauta e violoncello, duas sonatas para violoncello.

MUSICA DRAMATICA — Dois melodramas: *Die Fruhlingsfeier* e *Tamira*, nove operas, musica de scena para varias peças, festins, etc.

MUSICA RELIGIOSA E CANTATAS — Duas missas, quatorze cantatas de igreja para quatro vozes com orchestra, varias cantatas destinadas a diferentes festas officiaes.

MUSICA VOCAL COM ACOMPANHAMENTO DE PIANO — Quatro arias italianas, dez grandes baladas, *Des Pfarrers Tochter in Taubebain*, *Colma, ein Gesang*, *Ossians* (Goethe), *Die Entführung, oder Ritter Karl von Eichenhorst und Fraulein Gertrud von Hochburg*, *Die Bussende*, *Hagars Klage in der Wüste Bersaba*, *Lenore*, *Iglaw's, der Mahrin Klaggesang*, *Elwine*, *Das lied von Treue*, *Johannas Lebewoh* (1), mais de duzentos *lieders*, etc.

A obra de Zumsteeg era cantada por toda a Allemanha, e tão apreciada que alguns criticos pensam que os seus *lieders* estão á altura em valor dos de Schubert. O poeta Lenau, em uma carta datada de 1830, diz:

«Zumsteeg é o meu favorito. Como os seus cantos são bellos! Farás, quando os ouvires, a comparação com Schubert. Cada um d'elles possui as suas qualidades proprias. Talvez o ultimo tenha mais de pittoresco, e o primeiro um caracter mais profundo. Schubert parece-me assemelhar-se antes ao nosso Schiller, ao passo que Zumsteeg é um Goethe cujas creações ficam simples e sem temor dos effeitos que terão, não deixam penetrar os seus divinos mysterios senão á verdadeira sensibilidade. Não julgues que por estas palavras não admire a musica de Schubert, somente sinto que a obra de Zumsteeg reflete d'um modo notavel no meu coração. Estes dois auctores de *lieders* fazem um grande contraste com os outros compositores. Nestes, as melodias são pesadas, emquanto que Zumsteeg e Schubert possuem uma corrente viva, harmoniosa, que eleva o canto, como se fosse levado por um cygne feliz.»

Esta carta demonstra como podemos unir os dois nomes Zumsteeg e Schubert. Não quero dizer que Schubert ficasse completamente influenciado por Zumsteeg, o glorioso autor do *Roi des aulnes* aprendeu muito em Haydn, Beethoven e mesmo em Gluck, mas a obra de Zumsteeg fez-lhe uma enorme impressão.

Spaun conta-nos que Schubert entretinha-se muito em ler os cadernos de Zumsteeg, e quando os cantarolava, dizia: «como isto é bello!»

Esta synthese, que termino agora, baseada nos trabalhos de Carraud e do dr. Landskoff, sobre o valor de Zumsteeg, teve dois fins primordiales: concorrer tambem para tirar do pó do esquecimento um compositor de valor, e revelar ao nosso meio musical quanto seria curioso fazer executar entre nós algumas das suas composições. Assim eu seja ouvido...

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

Aviação em 1817

Vai núm seculo a dirigibilidade dos balões. Foi a 22 de julho que Sadler realisou uma viagem aeronautica da Irlanda a Inglaterra. Dessa travessia encontramos as seguintes interessantes notas.

«O plano do aeronauta era atravessar o canal de S. Jorge na linha mais réta e no menor tempo possivel. A ascensão foi bellissima. O vento soprava brandamente de oes-sudoeste. Mr. Sadler elevou-se em poucos minutos á altura donde avistava distintamente desde além as montanhas de Wicklon ao sul de Dublin. Mas, rapidamente as nuvens involveram o viajante.

Singrando por entre nuvens, o frio obrigou-o a vestir mais roupa.

Dentro em pouco encontrou-se acima das nuvens numa atmosfera clara. Pareceu-lhe que estacionava. Sadler via terra, por momentos, através

as ondas do vapor revolvendo se a seus pés. Ouvindo tiros d'artilheria, desceu o balão tão rapidamente como subira. Estava sobre a colina de Howth, a dez milhas de Dublin.

Não desanimou, deita quarenta libras de lastro, e eleva se na direção de leste. Uma corrente d'ar de noroeste, impulsiona-o para o mar.

Estava então a duas milhas e meia de altura, e com 38 graus. Subitamente uma nuvem de neve rodeia-o, e os raios do sol batendo-lhe nas particulas nevadas produzem singular effeito. Não tardou a limpar o tempo e Sadler viu da Irlanda as suas angras e esteiros desde Drogheda e Newry até Bray-Head.

Tendo iniciado viagem á uma hora e vinte, ás tres e cinco enxergava as montanhas do país de Galles. Um fenomeno o veiu atormentar. Emquanto as partes do corpo expostas á ação do sol estavam quentes, aquellas que iam á sombra estavam vigorosamente frias, quasi geladas. O termometro marcando 37 á sombra, ao sol marcava 75.

Sadler pretendeu conservar o balão na corrente d'ar que o empurrava para o sul de Holyhead. Vendo que se sustinha sempre na mesma altura poude gosar o maravilhoso espectáculo que descortinava.

Eram 4 e dez minutos percebeu claramente a sombra do balão pela superficie do mar.

Depois Sadler, viu distintamente os tapumes dividindo os terrenos de Holyhead assim como o desembarcadouro da villa.

Achando-se perto de terra fez todas as disposições para descer. Lança no espaço dois ovos, um faz se em pedaços antes de chegar ao mar, outro gasta vinte e nove minutos na descida. Sadler conquistára, pois, a dificuldade de se conservar na mesma altura e viajar em réta.

Ao sul do farol de Holyhead, abriu o resfolgador, o balão baixa. O aeronauta segura-o com um arpeu a doze pés do chão. Estava serena a tarde. Sadler gastara cinco horas e quarenta e cinco minutos em atravessar setenta e duas milhas, sobre o canal que separa a Grã-Bretanha da Irlanda.

A. NÉVES.

IRONIA GALANTE

Claudio Basto — Illustrações de Couto Viana

Com este titulo, é nos enviado pelo autor, de Viana do Castelo, onde foi imprensa, uma elegante brochura de 40 paginas em magnifico papel *coché*, uma série de vinte pequeninos contos, cada um engraçadamente illustrado com leves *en têtes* alusivas aos mesmos, que não sabemos qual mais humoristicamente delicados, se os desenhos se a elegante prosa.

Os pequeninos contos, como ligeiros esbôços de artista em hora de bom humor, justificam plenamente o titulo geral da brochura, de ironica filosofia, observada bem do natural, de flagrante verdade, em fim.

Superior a todos os adjetivados elogios que fizesse-mos, para despertar o interesse das leitoras, é proporcionar-lhes a leitura de um destes ligeiros esbôços, ao acaso, só um basta para crescer o desejo de ler os restantes.

Ahi vae:

«IV

Entreí no Café. Num relancear de olhos, continuando a andar numa aparência de naturalidade, percebi as mesas apinhadas. E não sei como, nessa aparência de naturalidade para de pé não trair qualquer embaraço, achei-me sentado a uma mesita redonda na companhia de formosissima dama.

Pensei depois que os outros haviam deixado aquella senhora só, numa decisão de gentileza e para se escaparem a uma situação que tinha um não sei quê de contrafeita.

Bati as palmas affectando naturalidade — e pedi «Triple sec», não porque goste de bebida mas porque foi esse o nome que primeiro encontrei na bôca á chegada do solcito criado. Não me arrependi: a garrafa era elegante e isso depunha a favor do meu gosto artistico ante os olhos lindos da minha desconhecida companhia.

Então, o terceto iniciou uma suave melodia,

lânguida, com trechos de vibrantes sobresaltos: parecia um ciciar de beijos docemente prolongados, com estremecções de febril ardor.

Nas mesas, deixaram de tilintar os copos e as salvas; o dominó adormeceu sobre o mármore. Todos olhavam o terceto sublime, arrebatados por aquella musica divina.

Eu via a formosura da minha atenta companhia por entre o fumo do Café — ténue como a neblina que levemente azula a derradeira luz do entardecer...

A musica ajuntava as almas, numa aliança de suprema espiritualidade, embecendo a todos num sonho de amor.

O terceto calou-se.

E eu, instintivamente, voltei os olhos para os olhos lindos da desconhecida. E, instintivamente, soube que ella ia falar, aproximada de mim pelo magnetismo da musica: que ia dizer-me a sua impressão de mulher sonhadora sobre aquella melodia de anjos...

E falou, e disse:

— O homem da rabeca sempre fez umas caretas!...

CLAUDIO BASTO.

O elogio do professor

(A sua missão social)

O trabalho cujo titulo acabo de escrever designa um discurso, pronunciado no Theatro de S. Carlos, na noite de 24 de maio ultimo, em espectáculo das Escolas Normaes de Lisboa, pelo alumno José Boavida Portugal, já conhecido dos leitores d'esta revista por interessantes artigos e apreciaveis versos.

N'este ultimo trabalho, dado á estampa em folheto de quinze paginas de texto, pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, o auctor em bella prosa, traça o retrato do professor com sincera convicção de principio e captivante modalidade esthetica.

Eu, antigo mestre-escola de aldeia, ao sopé do Caramulo arabesco, em local de encantadora paisagem e de fructas deliciosas e aromaticas, o denominado valle de Besteiros, sei por mim proprio qual o valor da missão da escola no ensino publico e qual a primacialissima importancia social do pedagogo, quando compenetrado, moral e civicamente, do caracter que o reveste e da humana causa em que lhe cumpre manter o primeiro papel, edificante e edificador.

«Ha missões nobres dentro da vida das civilizações. Mas, dentre todas as nobrezas, resalta a do professor, como elemento social, guia de todos os elementos sociais, palmeira dominando o deserto, aguia pairando nos ares, tentando a subir, convidando a voar.»

Estas palavras, de José Boavida, na apparencia exageradas e de facto plenas de poesia, definem, entretanto, com rigor mathematico, o vulto modesto a quem incumbe o facetamento dos diamantes em bruto, que formam as populações escolares primarias em todo o mundo civilizado.

O que importa é que todos os Governos se convençam de que são devidas ao magisterio primario todas as attentões de dignidade incontestavel, todo o auxilio efficaz que lhe corresponde e toda a acceitação logica e economica sem a qual, não ha programmas que não falleçam e ideaes que não sossobrem.

D. FRANCISCO DE NORONHA.

Francisco de Lacerda

Em o nosso colega *A Arte Musical*, bela revista de que é director proprietario o sr. Michel-Angelo Lambertini, apaixonado amator de musica, encontramos noticia de que vae ser nomeado director da *Association Artistique des Concerts de Marseille*, em substituição ao conhecido e bem reputado regente Gabriel Marie, o não menos reputado regente português Francisco de Lacerda. Talvez menos conhecido no seu país do que lá fóra, onde tem seguido sua carreira artistica,

(1) Foi a sua ultima composição.

Francisco de Lacerda no estrangeiro conseguiu notabilizar-se como músico executante e mais ainda, como regente de orquestra.

Francisco de Lacerda foi há anos para Paris completar a sua educação artística, principiando por frequentar a *Schola Cantorum*, onde a breve trecho passando a mestre como director das classes *d'ensemble* vocal e instrumental, concorreu excepcionalmente para o renascimento da dita *Schola*.



FRANCISCO DE LACERDA

Em Nantes fundou a *Association des Concerts Historiques*, que dirigiu durante tres anos. Depois passou a Augers onde fez sentir sua influencia no meio musical, sendo então contratado para o Kurssal de Montreux, onde se conserva hoje.

Francisco de Lacerda tem merecido as melhores referencias á critica, e assim diz d'Indy: «M. de Lacerda est né chef d'orchestre...»; e um critico francês faz a seguinte apreciação: «...la richesse d'instinct musical que M. de Lacerda tient de sa race et ou prédomine un sens du rythme auquel je ne puis comparer que celui de M. Nikisch.»

Francisco de Lacerda é um publicista de merito prestando bons serviços á causa da musica moderna que tem propagado nas revistas peninsulares e brasileiras.

Com prazer regista o OCCIDENTE os triunfos deste nosso compatriota, no estrangeiro, publicando o seu retrato que muito gentilmente nos foi cedido pelo director proprietario da *Arte Musical*.

Lourenço Marques (1)

Em dezembro de 1905, dizia A. de Portugal Durão, á Sociedade de Geographia de Lisboa, n'uma *Comunicação* interessante:

«A Africa do Sul tem sabido aproveitar-se da riqueza do Transvaal, creando parallelamente centros de actividades locais; nós, em Lourenço Marques e Inhambane, devemos fazer o mesmo.»

Todavia, teem passado os annos, sem que aos governos da metropole imponha cuidados serios o regime colonial!

Veja-se o que escreveu um antigo governador de Inhambane, citado por Th. de Almeida Garrett, no volume *Um governo em Africa*:

«Só direi a V. Ex.ª (o governador geral da provincia de Moçambique) que são tão demoradas as comunicações telegraphicas com essa cidade (Lourenço Marques), que qualquer de nós corre o risco de noticiar o seu proprio nascimento, e só ser recebida tal noticia quando já tenha netos!»

(1) Por circunstancias extranhas á nossa vontade este estudo, escripto em abril de 1910, conforme se vê da respectiva data, ficou retardado nos nossos escriptorios. Não perden, todavia, o ensejo de publicação, pelo interesse que Lourenço Marques continua despertando no actual momento.

A Redacção.

Admittindo mesmo algum exagêro no periodo precedente, contudo, ainda fica enorme testemunho de desleixo administrativo á conta dos depositarios do poder.

«Ora nas colonias, affirmára o fallecido Eduardo Costa (a administração civil nas nossas colonias africanas), nenhuma obra são mais necessarias do que as *comunicações*.»

Lourenço Marques está de novo em foco de ambições ciosas e na periclitancia de se perder para Portugal.

A Convenção assignada em 1 d'abril de 1909 por Garcia Rosado e Selborne, governador do Transvaal, originou discussões azedas nas duas casas do parlamento portuguez e deu margem a que fossem pronunciados discursos longos de analyse instructiva.

Aquella Convenção abrange quatro partes, *Assuntos relativos a indígenas* — *Assuntos relativos a caminhos de ferro e porto* — *Relações commerciaes e alfandegas* — *Disposições diversas*, e acha-se distribuida em 42 artigos.

«Tem-se chegado mesmo a dizer que o tratado é uma traição. Escreveu-se isto, Sr. Presidente, exclamava o par do reino, Raphael Gorjão, na sua camara, na sessão de 30 d'abril, citado, escreveu-se isto em Portugal!

Pois se é uma traição, traidor serei eu tambem, porque nelle tenho responsabilidade moral. E, contudo, não me accusa a consciencia.

O que se tem passado neste paiz com respeito ao convenio de 1 d'abril não faz lembrar a *apagada e vil tristeza*, que o grande poeta encontrou no reino, e a que o Digno Par Sr. Arroyo alludiu no seu discurso; com mais propriedade, pôde dizer-se que faz lembrar a do grande poeta: *isto até da vontade de morrer.*»

Por seu lado, na sessão de 30 de julho do mesmo anno, e na mesma camara, asseverava Julio de Vilhena, no fêcho de um discurso:

«Hoje, Sr. Presidente, Lourenço Marques já nos não pertence de todo. Fomos vencidos na lucta, ou antes entregámos por nossa propria vontade, por inepecia, por falta de comprehensão dos nossos interesses, por descuido de administração, ou talvez por esse destino fatal que ha tanto tempo pesa sobre nós, aquelle riquissimo districto, com a sua formosa bahia, com o seu caes, com o seu porto, onde temos gasto tantos milhares de contos de réis, com o seu caminho de ferro, que a tanto custo libertámos, tudo, tudo entregámos á administração estrangeira!

Se eu fosse susceptível de vinganças, se no meu espirito não preponderassem sobre a minha vaidade pessoal os interesses da patria, eu teria motivos para estar satisfeito.

Esse convenio, Sr. Presidente, é a expressão administrativa dos Governos que teem dirigido a nação no presente reinado. E' o producto de situações anormais, sem forças, vivendo ao acaso, com Ministros a quem falta a comprehensão dos negocios publicos.»

(Continúa.)

D. FRANCISCO DE NORONHA.

Um viajante indo a um hotel pára deante de uma pelle de urso entendida no salão e pergunta:

— A que animal pertence esta pelle?

— A este seu creado, respondeu, satisfeito e rapido, o dono do hotel.

Ha dois dias que chegam muito depressa: o do casamento e aquelle em que um sujeito deve ser enforcado.

O Concurso Hipico Internacional

Continuando a noticia sobre o concurso hipico, publicada no numero antecedente, completamos o relato das provas dos ultimos tres dias de corridas, aquellas, porventura, mais interessantes, em que se disputava o *Grande Premio de Lisboa*, a *Prova de Amazonas* e a *Taça de Honra*.

Isto bastava para que o publico accorresse em quantidade ao Velodromo de Palhavã, mas boatos terroristas que naqueles dias circularam por

Lisboa, amedrontaram muita gente, tornando, por isso, mais fraca a concorrência de espectadores ás corridas, quando estas eram realmente das mais interessantes que entre nós se teem realisado.

As provas certificaram cabalmente os progressos que o hipismo tem feito nos ultimos annos, neste país, afirmando-se excellentes cavaleiros, que em toda a parte poderão concorrer com honra para Portugal.

As amazonas não se ficaram atrás, disputando com tanta gentileza como brio, os premios das provas que lhe eram destinadas.

As provas do dia 20, principiando pela *Apresentação de cavalos*, deram o seguinte resultado:

Apresentação de cavalos ou eguas de sela, nacionaes, foi classificada em 1.º lugar a «Diva», do sr. Jara de Carvalho, e em 2.º o «Africano», do sr. Martins de Lima.

Apresentação de cavalos ou eguas de sela, estrangeiros, foi classificada em 1.º lugar o «Duet», do sr. Salvador Alto Mearim, e em 2.º o «Pol-Lad» do sr. A. Calado.

1.º premios, 50\$000 réis a cada; 2.º premios, menções honrosas.

Seguiram-se as *Provas de Amazonas*:

1.º premio, D. Maria do Carmo Reis, na «Florette», em 33' 1/2, sem faltas; 2.º, D. Fernanda Guerra Gonçalves, no «Canario», em 38', sem faltas; 3.º, D. Maria Helena Guerra Gonçalves, na «Tricana», em 38', sem faltas; 4.º, D. Maria A. Placido, no «Cupido», em 42' 1/2, sem faltas.

Premios, objectos de arte e uma taça de prata á primeira classificada, oferecida pelo sr. ministro de Italia.

O *Grande Premio de Lisboa*, 1:000\$000, foi ganho pelo alferes sr. José Alverca, no cavalo «Atalaya», em 2' 53', sem faltas, havendo mais as seguintes classificações:

2.º, 500\$000 réis, Delfim Maia, na «Clematite», em 2' 18', com 1 falta; 3.º, 200\$000, Higino Barata, no «Veludo», em 2' 49', com 1 falta; 4.º, 100\$000, Francisco Lusignan, no «Alvear», em 2' 34' 2/5, com 2 faltas; 5.º, 50\$000, Manuel Latino, no «Brutus», em 2' 55' 1/2, com 2 faltas; 6.º, 50\$000, Delfim Maia, no «Farinelo», em 2' 27' 2/5, com 2 1/2 faltas; 7.º, 30\$000, Jara de Carvalho, no «Star», em 2' 34', com 2 1/2 faltas; 8.º, 30\$000, Jara de Carvalho, no «Jau», em 2' 32' 1/2, com 3 faltas; 9.º, 20\$000, Louis Brunot, no «Duet», em 2' 41' 2/5, com 3 faltas; 10.º, 20\$000, Higino Barata, no «Eclair», em 2' 45' 1/2, com 3 faltas; 11.º, laço, André Reis, no «Nero», em 2' 21', com 3 1/2 faltas; 12.º, laço, Francisco Lusignan, no «Guidatore», em 2' 28' 2/5, com 3 1/2 faltas; 13.º, laço, Amavel Granger, no «Vatua», em 2' 31' 1/2, com 4 faltas; 14.º, laço, Higino Barata, no «Gaiato», em 3' 15', com 4 faltas; 15.º, laço, principe Capece di Zurlo, no «Saint-Hubert», em 2' 15', com 4 1/2 faltas.

Nestas corridas de saltos deu-se o lamentavel desastre do sr. Luis Brunot cair do cavalo «Berg», fraturando a omoplata direita. No entanto, com o entusiasmo não deu logo pela fratura e continuou o percurso até final.

O concurso do dia 23 esteve mais concorrido de espectadores. Era destinado: *Apresentação de equipagens particulares* — *Percurso de caça* — *Taça de Honra* — *Final*. Deu o seguinte resultado.

Equipagens. — De um cavalo, foi dado o 1.º premio á «americana» do sr. Visconde de Salreu, puxada pelo cavalo «Jack», e o 2.º ao «to-neau» do sr. Joaquim Monteiro, puxado pelo cavalo «Boy».

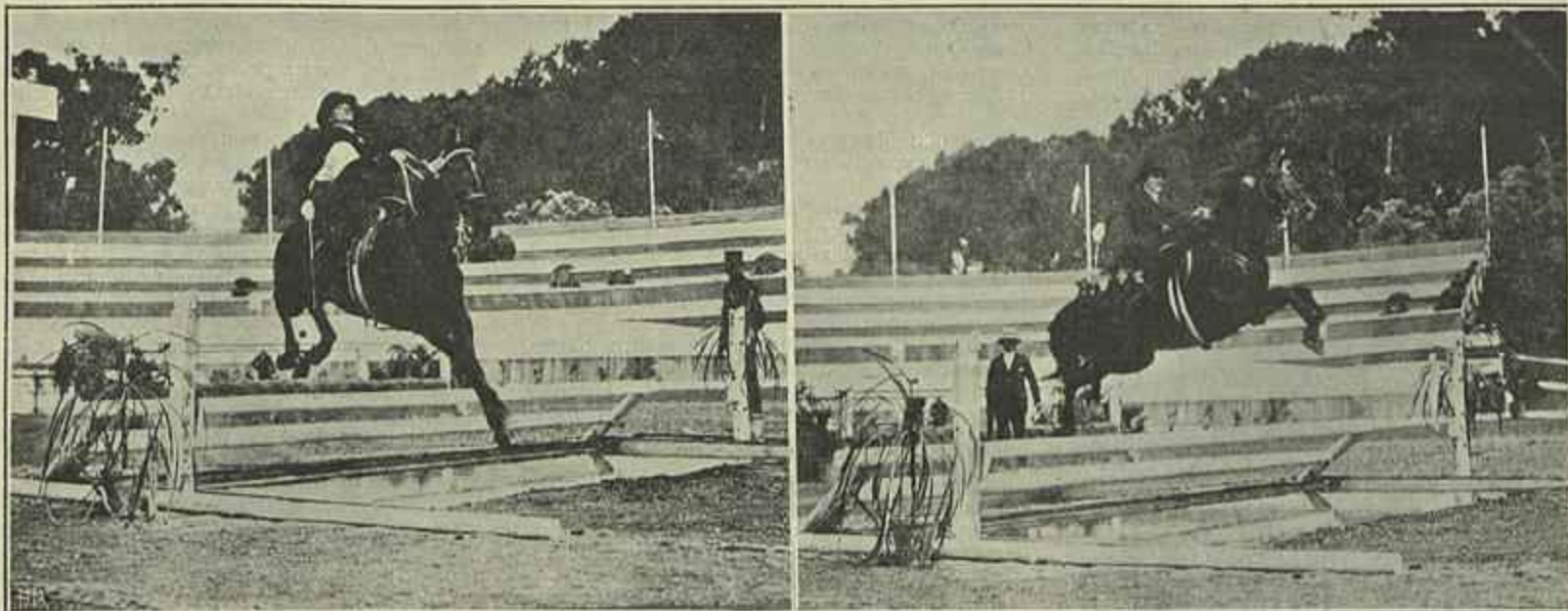
Nas de dois cavalos, o 1.º premio foi para a equipagem do sr. visconde de Salreu, e o 2.º para o «phaeton» do sr. Dias Amado.

Percurso de caça. — Esta prova foi das mais animadas dando-se a circunstancia do primeiro premio, 200\$000 réis, ser ganho pelo tenente sr. Julio de Oliveira, no cavalo «Eclair», o mesmo que o alcançara o anno passado.

Os restantes premios fôram conferidos: 2.º, de 100\$000 réis, Jara de Carvalho, no «Jau», em 2' 26' 1/2; 3.º, 60\$000, Cifka Duarte, no «Cometa», em 2' 32' 2/5; 4.º, 50\$000, Sá Guimarães, no «Cirate», em 2' 32' 1/2; 5.º, 30\$000, A. Calado, no «Pol-Lad», em 2' 33' 1/2; 6.º, 20\$000, Pessoa Amorim, no «Martel», em 2' 40' 1/2; 7.º, 20\$000, Jara de Carvalho, no «Star», em 2' 40' 2/5; 8.º, 20\$000, Antonio Maia, no «Tarik», em 2' 40' 1/2; 9.º, laço, Julio de Oliveira, no «Gaiato», em 2' 41' 1/2; 10.º, laço, Delfim Maia, no «Farinelo», em 2' 42' 1/2; 11.º, laço, H. Constancin, no «Cock-Tail», em 2' 42' 1/2; 12.º, José Oliveira, no «All-Right», em 2' 43' 1/2.

O premio da *Taça de Honra*, o mais difficil de ganhar, tão difficil que só 22 cavalos fôram inscriptos, coube ao sr. Martins de Lima, no cavalo

Concurso Hípico Internacional



PROVAS DE AMAZONAS — SALTOS DE VARAS E SEBE

«Alvear», que só deu 2 1/2 faltas, não conseguindo nenhum dos outros fazer o percurso limpo através dos oito obstáculos.

Houve, ainda assim, mais as seguintes classificações:

Cavalo «Saint Hubert II», montado pelo príncipe Capece di Zurlo, com 3 faltas, em 1' 5'' 1/5; egua «Clematite», montada pelo sr. Delfim Maia, com 3 1/2 faltas, em 1' 8'' 2/5; «Duet», montado pelo sr. Delfim Maia com 4 faltas, em 1' 15'' 1/5; «Star», montado pelo sr. Jara de Carvalho, com 4 1/2 faltas, em 1' 6'' 1/5; «Tarik», montado pelo sr. Antonio Maia, com 4 1/2 faltas, em 1' 53'' 1/5.

A prova Final não se pode concluir neste dia, por ser já adiantada a hora, completando-se no dia seguinte (24) dando este resultado:

1.º premio, Lourenço Casal Ribeiro, no cavalo «Gantois», sem faltas, em 1' 5'' 2/5; 2.º, o mesmo cavaleiro na egua «Merveille» sem faltas também em



AS AMAZONAS PREMIADAS, PRIMEIRO PREMIO Á EX.^{ma} SR.^a D. MARIA DO CARMO REIS

1' 5'' 3/5; 3.º, Elias Garcia, no cavalo «Lamarca», sem faltas, em 1' 21''; 4.º, Feliciano Costa, no cavalo «Jumper», sem faltas, em 1' 33'' 1/5; 5.º, Salvador Alto Mearim, no cavalo «Extra-Dry», sem faltas, em 1' 36''; 6.º, João Barroso da Camara, no cavalo «Colibri», sem faltas, em 1' 47'' 1/5; 7.º, Rogerio Tavares, no cavalo «Vulcano», com 1/2 falta, em 1' 12'' 1/5; 8.º, Antonio Sá Guimarães, no cavalo «Raio», com 1/2 falta, em 1' 20'' 1/5; 9.º, Delfim Maia, no cavalo «Rafles», com 1 falta, em 1' 15''; 10.º, Rogerio Tavares, no cavalo «Miudo», com 1 falta, em 1' 15'' 2/5.

Os premios desta prova eram dez de 208000 réis destinados aos cavalos que não haviam tido classificação nas outras corridas. Eram premios de consolação.

Daqui enviamos as nossas felicitações á Sociedade Hípica Portuguesa, pelo bem organizado concurso e belos resultados que teve.

CONTOS E DIGRESSÕES por CAETANO ALBERTO

Um volume ilustrado de 224 paginas com linda cartonagem, completa novidade, 500 réis.

EMPRESA DO OCCIDENTE

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Onde todos devem comprar SAPATARIA PORTUGAL

DE A. Almeida e Costa

Rua dos Poiaes de S. Bento, 27 a 27-A — LISBOA

PARA LEVANTAR OU CONSERVAR AS FORÇAS

Vinho Nutritivo de Carne de Pedro Franco & C., Lisboa. Unico legalmente auctorizado pelos governos e auctoridades sanitarias de Portugal e Brazil e premiado com Medalhas d'Ouro em todas as exposições. Centenares dos principaes medicos garantem a sua efficacia na debilitade, na pobreza do sangue (anemia), na convalescença de todas as doenças e sempre que é preciso levantar as forças. E' muito usado ao lunch e ao toast pelas pessoas de constituição fraca e pelas robustas, que tem excesso de trabalho intellectual ou physico. Um calix d'este vinho representa um bom bife. A' venda nas pharmacias.

Capas para a encadernação dos volumes do «OCCIDENTE»

Em percalina com letras a ouro, encadernação de luxo

Ha capas para todos os annos, eguaes na cor para collecções.

Capa 800 réis
Capa e encadernação 1\$200